

criança, e por detraz do recto, na concavidade do sacro, existia um pequeno kysto semelhante aos outros, que compunham o kysto geral. Afora estas anomalias, o feto (incluente) não apresentava deformidade alguma.

Este facto, ainda que pouco commum, não é novo na sciencia, e eu não o entregaria á apreciação publica se, como creio, elle não interessasse á profissão debaixo de mais de um ponto de vista (1).

Bahia 30 de Setembro de 1871.

MEDICINA.

ALGUNS APONTAMENTOS ACERCA DAS MORDEDURAS DAS SERPENTES E DAS PICADAS DOS INSECTOS VENENOSOS.

Pelo Dr. A. M. do Bomfim.

(Continuação) (*)

Os indigenas da America mostraram um tino admiravel no emprego de plantas contra as mordeduras das serpentes. Com effeito, vendo elles a rapidez com que o veneno das cobras prostravam profundamente as forças da vida, buscavam plantas que por seu sabor e cheiro activo mostrassem possuir principios capazes de despertar a acção nervosa abatida e estimular os emunctorios principaes, por onde pode ter prompta sahida o principio extranho venenoso.

Todás as plantas que eram por elle empregadas possuem propriedades excitantes, sudorificas ou diureticas em grau eminente.

(1) Segundo a classificação dos monstros duplos de S. Hilaire, acha-se o presente caso n. 3.º grupo—o das *monstruosidades por inclusão* (polymelias.) A *Revista medica portugueza* de 1864 publicou um importante trabalho do Dr. Teixeira Marques relativo a um caso destes: esse trabalho tem por titulo: « Breve memoria sobre um exemplo de uma muito notavel monstruosidade, desconhecida até agora na especie humana, e que pertencendo á classe dos monstros *duplos heterotypianos* de ls Geoffroy de S. Hilaire, se póde com muita probabilidade collocar na ordem das *polymelias* e genero de *pygomelias* do mesmo auctor.»

O individuo que faz o objecto d'esta interessantissima observação chegou á idade adulta e não consta que tenha fallecido. Tinha dous penis bem desenvolvidos, e pendia-lhe do perineu, descendo entre as coxas, um membro pelviano incompleto. Era a todos os mais respeitos um mancebo regularmente conformado, ao menos em sua apparencia exterior, segundo o descreve o autor da citada memoria, e o representa uma dupla photographia que tive occasião de ver.

(*) V. *Gaz. Med. da Bahia* t. 3, p. 149 e 184.

Passarei a mencionar as familias vegetaes d'onde elles, bem como os colonos e mais pessoas do povo, tiraram as especies vegetaes que teem sido consideradas como bons alexiterios; e procurarei ao mesmo tempo apresentar as propriedades therapeuticas de que em geral são dotadas. Tambem exforçar-me-hei por determinar os nomes scientificos pelos quaes são taes especies hoje conhecidas na sciencia, afim de que se possam facilmente conhecer e distinguir.

Familia das Labiadas.

Estas plantas encerram um oleo essencial, o qual dá-lhes um cheiro aromatico agradável, um sabor picante, acompanhado de uma sensação particular de frescura; e tambem um principio algum tanto amargo e adstringente. Esses vegetaes gozam de propriedades cordiaes, sudorificas e antispasmodicas (1); d'elles foram com proveito principalmente experimentadas as seguintes especies:

Collinsonia Canadensis, L., arbusto que se encontra no Canadá e na Florida.

Hyptis scoparia, Poir. (*Satureia Americana*, L.) que é natural das Antilhas.

Teucrium Inflatum Severt., que se encontra na America equinoccial e austral.

Salvia Lencantha, Cavan, originaria do Mexico, tambem encontrada nas Antilhas, e fallando da qual diz Descourtilz (2): — « *Cette plante ainsi que les labiées excite l'action des organes et développe momentanément les fonctions de la vie.* »

Peltodon radicans, Pohl. (3) a qual o celebre Botanico Velloso traz estampada no quadro 7 do 6.º vol. da Flora Fluminense, e descrita na pag. 242 do texto (4). Essa planta é conhecida nas provincias do norte pelo nome de *Hortelã do matto*, e tambem pelo nome indigena *Boia-cao*.

O Sr. Dr. Silva Castro, do Pará, a denomina *Paracary*.

O nome de *Boia-cao* (*boia cobra, caa* herba) mostra que os indigenas a consideraram como optimo antidoto contra o veneno das serpentes.

Convém aqui rectificar o engano em que se acha o digno Sr. Dr. Silva Castro (5), quando considera esta planta a mesma que a *Caacica*, de que falla Pisão na pag. 311 de sua preciosa

(1) Moquin Tandon, Bot. med.

(2) Fl. des Antilles. 3, 306.

(3) V. Martius Fl. Braz. l. Fasc. 22, pag. 77.

(4) O Texto da Flora Fluminense de Velloso é obra rarissima e geralmente desconhecida.

(5) V. *Gaz. Med. da Bahia*, t. 2, p. 254.

obra intitulada—*De Indiæ utriusque re naturali et medica*.

Com effeito a *Caacica* é uma planta dotada de succo leitoso, como em lingua *tupi* o seu proprio nome exprime (1), e conforme declara o mesmo Pisão nas seguintes palavras aliás citadas pelo Sr. Dr. Silva Castro (2):—«*Exigua hæc panacea lactescens est instar Esulæ; e tambem Marcgravius, quando diz:—«Tota planta fundit lacteum succum.»*

Entretanto nem a *Peltodon radicans*, nem qualquer outra planta da familia das labiadas possui tal propriedade.

A *Caacica* é uma *euphorbiacea* já descripta por Linneo com o nome de *Euphorbia pilulifera*, por Lamark denominada *E. capitata*, por Velloso *E. verticilata*, etc. (3)

A propria *Esula* (*Euphorbia esula*, Linn.) com que Pisão compara a *Caacica* na propriedade lactescente, tambem é uma *Euphorbiacea*.

Della ainda me occuparei, e da *E. pilulifera*, quando tractar das *Euphorbiaceas* alixiterias.

Familia das *Aristolochias*.

Os vegetaes d'esta familia encerram em geral um principio amargo e um oleo volatil que communica-lhes um cheiro especial que parece algum tanto aloetico, rutaceo e camphorado. Gozam de propriedades estimulantes, emeticas e emenagogas. Em razão d'esta ultima propriedade foram algumas especies europeas desde muito applicadas por Hippocratis, Galeno e Dioscorides; e d'ella deriva-se a denominação que tem (*Aristo* muito bom; e *loxia lochios*). (4)

Os indigenas da America faziam uso de algumas das muitas especies de *Aristolochia* existentes n'esta região, para curarem as ulceras atonicas; e tambem contra as mordeduras das serpentes. Hoje muitas d'ellas são egualmente usadas por pessoas do povo nas febres, como tonicas e estimulantes.

Em meo modo de pensar todas as especies d'esta familia são mais ou menos concordantes em propriedades medicinaes, porque é uma das turmas naturaes do reino vegetal dotadas de

(1) V. *Glossaria linguarum Brasiliensium*. 1863 pag. 388.

(2) V. *Gazeta Med. da Bahia*, t. 2, pag. 233,—e Pisão, obra citada, pag. 245.

(3) V. *De Candolle, Prodromus systematis universalis regni vegetalis*, t. 15, pag. 21; e Velloso, *Flora Flumin.* v. 5, tab. 16.

(4) Cicero e Delaunay foram os unicos que fizeram derivar tal denominação de um certo *Aristolochus*, que primeiro fez uso de uma destas plantas.

caracteres botanicos mais fixos e invariaveis; o que indica uma quasi identidade na structura anatomica dos órgãos, e portanto nas funções e modo de viver de taes plantas; pelo que devem assimillar substancias identicas, e gozar de propriedades chimicas e therapeuticas simillares.

Entre ellas hão sido experimentadas contra o veneno das cobras as seguintes especies:

Aristolochia macroura, Gomes, assim denominada em razão de existir na flor um longo appendice estreitado em forma de cauda; pelo que fôra por outro botanico denominada *Aristolochia appendiculata* (4).

E' vulgarmente denominada *Jarrinha*, nome que o povo aliás applica á outras especies da mesma familia vegetal, em razão da fôrma semelhante á um jarro que n'ellas apresenta o calyce irregular da flor apetalada.

Aristolochia cymbifera, Mart., a qual floresce no mez de janeiro, e segundo este sabio botanico encontra-se nas provincias do Rio e S. Paulo. (5) Tambem se encontra na Bahia. E' vulgarmente chamada *Mil-homens*, e alguns igualmente lhe dão o nome de *Papo de peru*, em razão do aspecto peculiar de sua grande flor.

Aristolochia labiosa, Kir., cujo periantho simples é bilabiado e de labio inferior quadroplicado. O sabio Sr. Duchartre a considera como simples variedade da *A. cymbifera* de Mart. (6)

Aristolochia galeata, Mart., que floresce no mez de setembro, foi por este botanico encontrada em Minas-Geraes, e apresenta no periantho mais ou menos a forma de um capacete.

Aristolochia Brasiliensis, Mart., descripta por Marcgrav, (7) com o nome indigena de *Ambuyembo*; tem os dous labios do periantho quasi do mesmo tamanho, e encontra-se nas provincias do Rio, Minas, Bahia, etc.

Aristolochia rumicifolia, Mart., que floresce em novembro, e foi por este botanico encontrada nas visinhanças da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro (no Corcovado, etc.)

Aristolochia antihysterica, Mart., de pequenas flores solitarias e axilares, nasce no Rio Grande do Sul.

Aristolochia odora, Steud, a qual fôra por Velloso denominada—*Aristolochia odoratissima* (8), e é encontrada no Rio de Janeiro.

Aristolochia ringens, Vahl., que floresce em

(4) Vill. *Flora Flumin.* vol. 9, tabula 98.

(5) *Iter. Brasil.* t. 4, pag. 76.

(6) V. *De Candolle, Prodromus syst., nat. regni veg.*, vol. 15, pag. 470.

(7) Pisão. obra citada, edic. de 1658, pag. 260.

(8) *Flora Flumin.*, v. 9, tabula 97.

julho, e tambem se encontra em Nova Granada, onde é vulgarmente denominada *Bejuco de cararé*.

Aristolochia trilobata, Linn., que se encontra nas Antilhas e na America inter-tropical até a provincia da Bahia, onde foi pela primeira vez colhida pelo naturalista Blanchet: florece em março. «*Tota planta ut et flos gravem spirat odorem, et est vulgaris usus incolis contra serpentum ictus.*» (1)

Aristolochia theriaca, Mart., a qual se encontra no Brasil.

Todas estas especies brasileiras são pelos indigenas e por pessoas do povo tambem frequentemente empregadas nos casos de ulceras atonicas, de affecções paralyticas das extremidades, dyspepsia, impotencia viril, febres intermittentes e nervosas.

Applica-se internamente o pó da raiz na dose de $\frac{1}{2}$, 1, até 4 grammas, (10, 20 grãos até 1 oitava); e em infusão na dose de 4 grammas (1 oitava) para 250 grammas (8 onças) de vehiculo.

Aristolochia anguicida, Linn., esta especie é conhecida no Brasil pelo nome de *Apinel*: é das que na familia das *Aristolochias* apresentam flores menos consideraveis em tamanho.

Descourtilz compara a forma do calyce ou periantho simples com uma orelha de asno, ou antes com uma cornucopia.

Os pedunculos são solitarios e axillares.

Só tem sido encontrada nas Antilhas (mais especialmente em Carthagená) e nas regiões da America Meridional que lhes ficam visinhas.

A' este vegetal parece caber a supremacia, entre as *Aristolochias*, como antidoto do veneno das serpentes. Duas ou tres gottas do succo da raiz bastam para embriagar uma serpente; poucas gottas mais fal-a morrer em convulsões. O só cheiro da raiz affugenta estes reptis.

O homem pode tomar pequeno numero de gottas; maior quantidade produz vomitos. O mesmo succo parece obrar com mais efficacia, quando misturado com a saliva por meio da mastigação.

Descourtilz diz haver elle proprio averiguado a efficacia de applicações externas do mencionado succo sobre a mordedura recente de uma cobra venenosa; assim como da applicação interna: «a cura é infallivel (diz elle) e quasi subita; o que não se pode esperar de qualquer outro meio ordinario.»

Diz tambem haver em poucos instantes

(1) V. Barrin, Hist. nat. de la Fr. equinox., pag. 16.

neutralizado as picadas perigosas das aranhas caranguejeiras, dos alacraos, dos piolhos de cobra e das aranhas de anus avermelhado, especie de tarantulas que elle viu excitar vivas dôres, e muitos accidentes proprios das substancias venenosas.

O pó e o extracto resinoso tem sido applicados nas mesmas doses que o pó das outras especies de *Aristolochias* mencionadas.

A tinctura na dose de 30 á 40 gottas.

Aristolochia serpentaria, Linn., vulgarmente denominada *Serpentaria de Virginia*, e cujas raizes dão os inglezes a denominação de *Sinake root*.

Aristolochia hastata, Nutt. parece uma variedade da precedente. Encontra-se na Carolina e Georgia.

Aristolochia tomentosa, Sims. Na Florida, Carolina, etc. As raizes desta especie são colhidas de mistura com as das duas precedentes, como tendo propriedades analogas.

São geralmente empregadas em infusão e em tinctura.

Aristolochia odoratissima, Linn., a qual se encontra nas Antilhas, no Mexico, na America central, e tambem foi vista pelo naturalista Weddel junto ao rio Cuyabá no Paraguay.

Aristolochia fragrantissima, Ruiz: é frequente nos bosques dos Andes Peruvianos e alli vulgarmente chamada *Contrayerba de Bejuco*, ou *Bejuco de la Estrella*.

Segundo refere Lindley, sóem no Egypto os impostores, para seo divertimento (e sem duvida para embaiem aquelles que os rodeiam) adormecer serpentes por meio das seguintes especies d'esta familia vegetal.

Aristolochia pallida, Wild, que nasce em diversos pontos proximos ás costas do Mediterraneo.

Aristolochia longa, Linn., a qual nasce nos mesmos logares e tambem nas Ilhas Canarias e na Madeira.

Aristolochia bætica, Linn., que se encontra em Portugal, na Hespanha e na Algeria.

Aristolochia semper virens, Linn., a qual nasce em Creta.

Aristolochia rotunda, Linn., que se encontra nos prados da Europa meridional, no Archipelago e na Africa boreal.

Todas estas 5 especies, affirma o mesmo Lindley, gozam do mesmo attributo que a *Aristolochia anguicida*. Todas possuem gosto muito amargo, cheiro forte e desagradavel. Empregam se no ultimo periodo das febres graves como tonicos; e tambem gozam de grande cre-

dito como estimulantes, diureticos, sudorificos e emenagogos (1).

O Dr. Hancock apresentou á Lindley uma folha de *Aristolochia* como sendo o *Guaco* da Columbia tão celebrado por Humbold e outros; e no parecer do celebre auctor do *Vegetable Kingdom* aquella folha pertence á *Aristolochia anguicida* ou á alguma das especies com ella mais estreitamente aparentadas n'esta familia vegetal.

Estudando todas as especies d'esta familia vejo que o nome hespanhol *Guaco* fôra dado ás seguintes:

Aristolochia ovalifolia, Detrn, a qual encontra-se no Mexico na provincia de Oraxaca, onde tem o nome vulgar de *Flor de Guaco*.

Aristolochia geminiflora, H. B. e K. em Nova Granada na provincia de Bogotá, onde é vulgarmente denominada *Bejuco de Cararé* ou *Guaco*.

Convém entretanto não confundir estas duas especies de plantas com outro vegetal scientificamente denominado *Mikania Guaco*, o qual, como adiante se verá, pertence á grande familia das *Compostas*, tambem é vulgarmente denominado *Guaco*, e conhecido como um dos mais soberbos antidotos contra o veneno das serpentes.

Terminarei por hoje dizendo que parece-me que mostraram optimas propriedades alexipharmacas todas as especies de *Aristolochia* que tem sido convenientemente experimentadas; e que conforme anteriormente referi, mui provavelmente são taes propriedades mais ou menos altamente partilhadas por todos os individuos d'esta importante familia, os quaes por esta razão se devem considerar como

..... des puissants végétaux
Qui de l'avide Parque emoussent les oiseaux.

(CARTEL)

(Continúa)

VALOR THERAPEUTICO DO ACIDO PHENICO NAS MOLESTIAS DE PELLE.

Pelo Dr. Demetrio C. Tourinho.

O doutor Neumann, notavel dermatologista da universidade de Vienna, acaba de fazer estudos e experiencias importantes sobre a influencia do acido phenico nos parasitas do reino vegetal.

(1) V. Lindley, *The Vegetable Kingdom*, third edit. 1853, p. 724.

Entre outras experiencias fez as seguintes: Misturou uma solução de acido phenico (1/500) com a levadura contendo o *penicillium glaucum*, o *micior racemosus* e o *oidium lactis*, e renovou essa mistura todos os dias. Sempre que se ajuntou a solução de acido phenico, suspendeu-se a germinação. Logo que se a deixou livre, reapareceu a germinação.

Em outra experiencia o *penicillum* e o *rhizopus nigricans* forão levados a pequenas placas de batatas, algumas das quaes forão misturadas com uma solução de acido phenico (1/500) sendo outras sem mistura. Continuou a observação por muitos dias. As placas carbolizadas não apresentarão germinação, as outras um bello desenvolvimento das duas parasitas.

A adição do acido suspenso por tres dias fez vêr a renovação da germinação, em quanto que outros fragmentos de batatas não apresentarão signal algum de germinação, ajuntando somente uma solução de 1 a 300.

Para prevenir a objecção de que a germinação fora suspensa por falta de nutrimento ajuntou á mistura ammoniaco tartarizado, alcool, amido, sem alterar os resultados.

As soluções concentradas do acido phenico aniquilão completamente a força germinadora; destroem os bacterios, e os esporulos se retraem de modo semelhante ao que se vê no tratamento desses vegetaes com outros remedios causticos.

Os saes provenientes deste acido, por exemplo, a sôda phenica, não exercem influencia alguma sobre os parasitas: vegetão e multiplicão-se pelo contrario, perfeitamente bem, quando se os ajunta a essas plantas.

Depois dessas experiencias o Dr. Neumann estudou a acção do acido phenico sobre os animaes e os parasitas do reino vegetal. Resumiremos estas importantes observações, que interessão tão intimamente á therapeutica das affecções cutaneas.

Os effeitos do acido phenico sobre os diferentes individuos varião segundo a *idade* e o *sexo*: segundo a qualidade do vehiculo e o tempo da *administração*.

Depois da comida, é maior a tolerancia para este remedio, por que a presença das substancias albuminosas contraria a acção do acido. Crianças tenras, com a administração de 20 ou 30 centigrammas, forão atacadas de vertigens, delirios, e até mulheres de constituição delicada, em quanto que homens tomarão sem inconveniente 5 ou 6 grammas